

AS METODOLOGIAS UTILIZADAS NO ENSINO DE HISTÓRIA: Uma discussão a partir do PIBID

OLIVEIRA, Antonia Jocilene Nascimento de ¹
BEZERRA, Maria Irinilda da Silva ²

RESUMO: Este trabalho tem como percurso norteador analisar as metodologias utilizadas no ensino de História em uma turma do 5º ano do ensino fundamental de uma escola pública do município de Cruzeiro do Sul (AC), a partir das vivências no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). A pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de caráter descritivo, sendo desenvolvida por meio de observação participante, análise documental do Projeto Político-Pedagógico (PPP) e da sequência didática da docente, além de pesquisa bibliográfica. A análise fundamenta-se em autores como Bittencourt (2008), Fonseca (2003) e Paulo Freire (1987), articulando-se às orientações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e do Currículo Único do Estado do Acre (CRUA). Os resultados apontam a predominância de práticas tradicionais, marcadas pelo uso predominante do livro didático, pela centralidade do professor e pela limitada exploração de metodologias que promovam o pensamento crítico, a autonomia e o protagonismo discente. Observou-se, ainda, uma lacuna entre o planejamento pedagógico e a prática em sala de aula, indicando um distanciamento em relação às diretrizes dos documentos oficiais. Conclui-se que há a necessidade de ressignificação das práticas pedagógicas, de modo a favorecer um ensino de História mais crítico, reflexivo e contextualizado.

PALAVRAS-CHAVE: ensino fundamental; práticas pedagógicas; pensamento crítico; ensino; formação docente.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo central analisar as metodologias utilizadas no ensino de História em uma turma do 5º ano do ensino fundamental de uma escola pública do município de Cruzeiro do Sul (AC), a partir das vivências no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). A análise busca compreender em que medida as práticas docentes se aproximam ou se distanciam das orientações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e do Currículo Único do Estado do Acre (CRUA), especialmente no que se refere ao desenvolvimento do

¹ Graduanda em Licenciatura Pedagogia, Bolsista do PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência), Universidade Federal do Acre, *Campus* Floresta, antonia.jocilene@sou.ufac.br.

² Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense (UFF). Professora Associada da Universidade Federal do Acre (UFAC), *Campus* Floresta, Centro de Educação e Letras, Curso de Pedagogia, maria.irinil@ufac.br.

pensamento crítico, da autonomia, do protagonismo dos sujeitos históricos e da valorização da contextualização local.

A BNCC propõe que o ensino de História ultrapasse a mera transmissão de conteúdos, promovendo a formação de sujeitos críticos, capazes de compreender e problematizar a realidade em que estão inseridos. Nesse sentido, o ensino deve possibilitar ao estudante reconhecer-se como sujeito histórico, compreendendo as relações sociais, culturais e políticas ao longo do tempo.

Diante das vivências no cotidiano de uma sala de aula de uma escola pública do estado do Acre, nos deparamos com a falta de uma metodologia eficaz e dialógica que se alinha ao que propõe a BNCC no que tange ao ensino de História. Sendo assim, a pergunta que norteará este percurso investigativo será: em que medida as práticas metodológicas presentes no ensino de História em uma turma do 5º ano de uma escola do município de Cruzeiro do Sul dialogam (ou não) com o que orienta a BNCC e o CRUA, em relação à valorização do pensamento crítico, autonomia, protagonismo dos sujeitos históricos e à importância da contextualização local da História?

2 METODOLOGIA

Esta pesquisa, caracteriza-se como de abordagem qualitativa, por buscar compreender as práticas pedagógicas no ensino de História a partir das experiências vivenciadas no contexto escolar. Portanto, a pesquisa qualitativa se mostra adequada, pois, segundo Minayo (2001), ela

Trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, correspondendo ao espaço mais profundo das relações e processos. Traz por vantagem ser um estudo eficaz com nuances da vida e comportamento humano social através de um tempo determinado, elenca a possibilidade de explorar uma conjuntura que interfere ou se deixa interferir na compreensão do mundo social em que se está inserido (Minayo, 2001, p. 21).

Quanto aos objetivos, trata-se de uma pesquisa de caráter descritivo, pois busca analisar e compreender as metodologias utilizadas no ensino de História em uma turma do 5º ano do ensino fundamental. A pesquisa foi desenvolvida no contexto do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), em

uma escola pública do município de Cruzeiro do Sul (AC), a partir das vivências das acadêmicas em sala de aula.

Como procedimentos metodológicos, foram utilizados:

- Observação participante, realizada durante as aulas de História, permitindo analisar as práticas pedagógicas da docente e a interação com os alunos;
- Análise documental, com base no Projeto Político-Pedagógico (PPP) da escola e na sequência didática elaborada pela professora;
- Pesquisa bibliográfica, fundamentada em autores da área de ensino de História, como Bittencourt (2008), Fonseca (2003) e Freire (1987).

Ademais, realizou-se a comparação entre as práticas observadas, os documentos analisados e as orientações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e do Currículo Único do Estado do Acre (CRUA), com o objetivo de verificar a aproximação ou distanciamento entre a prática docente e as diretrizes oficiais.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com a BNCC, o Ensino de História deve estar pautado em algumas competências básicas que o aluno deve desenvolver ao longo do ensino fundamental – Anos Iniciais, sendo elas destacadas no quadro abaixo:

Quadro 1. Competências específicas de história para o ensino fundamental

1. Compreender acontecimentos históricos, relações de poder e processos e mecanismos de transformação e manutenção das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais ao longo do tempo e em diferentes
2. Compreender a historicidade no tempo e no espaço, relacionando acontecimentos e processos de transformação e manutenção das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais, bem como problematizar os significados das lógicas de organização cronológica.
3. Elaborar questionamentos, hipóteses, argumentos e proposições em relação a documentos, interpretações e contextos históricos específicos, recorrendo a diferentes linguagens e mídias, exercitando a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos, a

cooperação e o respeito.

4. Identificar interpretações que expressem visões de diferentes sujeitos, culturas e povos com relação a um mesmo contexto histórico, e posicionar-se criticamente com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

5. Analisar e compreender o movimento de populações e mercadorias no tempo e no espaço e seus significados históricos, levando em conta o respeito e a solidariedade com as diferentes populações.

6. Compreender e problematizar os conceitos e procedimentos norteadores da produção historiográfica.

7. Produzir, avaliar e utilizar tecnologias digitais de informação e comunicação de modo crítico, ético e responsável, compreendendo seus significados para os diferentes grupos ou estratos sociais.

Fonte: BNCC, 2018.

Analisamos a sequência didática e, ao compará-la com a BNCC e o CRUA, foi possível observar que os códigos das habilidades presentes na sequência não condizem com os códigos da BNCC, gerando incoerências e fazendo-nos questionar sobre as aulas ministradas no componente curricular de História. Por conseguinte, valemo-nos de analisar de que forma os conteúdos eram apresentados em sala e quais metodologias a docente utilizava para abordá-los. Para isso, analisamos detalhadamente a sequência da professora e percebemos que ela se limita muito ao uso do livro didático, com foco apenas em transmitir o que está no material, sem explorá-lo ou fazer uso adequado.

A metodologia empregada pela docente assemelha-se ao método tradicional, que Bittencourt (2008) caracteriza

Professores e alunos geralmente o associam ao uso de determinado material pedagógico ou a aulas expositivas. Existe uma ligação entre o método tradicional e o uso de lousa, giz e livro didático: o aluno, em decorrência da utilização desse material, recebe de maneira passiva uma carga de informações que, por sua vez, passam a ser repetidas mecanicamente de forma oral ou por escrito com base naquilo que foi copiado no caderno ou respondido nos exercícios propostos pelos livros (Bittencourt, 2008, p. 226-227).

O livro pode ser um ótimo recurso pedagógico; porém, o professor não pode depender exclusivamente dele. Isso torna o ensino-aprendizagem mecânico e

cansativo para os alunos, além de ser prejudicial, uma vez que eles não estão utilizando sua criticidade e autonomia, ou seja, não estão desenvolvendo suas competências conforme o que pede a BNCC.

Um dos importantes objetivos de História no Ensino Fundamental é estimular a autonomia de pensamento e a capacidade de reconhecer que os indivíduos agem de acordo com a época e o lugar nos quais vivem, de forma a preservar ou transformar seus hábitos e condutas. A percepção de que existe uma grande diversidade de sujeitos e histórias estimula o pensamento crítico, a autonomia e a formação para a cidadania (BNCC, 2018).

Dessa forma, Fonseca (2003) defende que o ensino de História deve proporcionar ao aluno a construção de uma consciência histórica, permitindo-lhe compreender o mundo ao seu redor e a si mesmo. Como isso pode ser possível? Parte-se de práticas pedagógicas que provoquem o questionamento, a curiosidade, o pensamento crítico, a investigação e a reflexão. Principalmente, essas práticas devem contribuir para formar estudantes ativos no processo de aprendizagem, indo contra a simples transmissão do conteúdo e o foco exclusivo no livro didático.

Além disso, essa crítica também é apresentada por Paulo Freire (1987) em seu livro pedagogia do oprimido, ao afirmar que: “Na visão “bancária” da educação, o saber é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber. [...] A educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador o depositante” (Freire, 1987, p. 52). Essa concepção tira do aluno seu papel ativo no processo de aprendizagem, indo contra os princípios fundamentais para o ensino de História conforme propõe a BNCC.

Por conseguinte, ao analisarmos o PPP (2023) da Escola X, identificamos que ele contempla aspectos fundamentais como a valorização da história da comunidade, o respeito às especificidades culturais locais, e o compromisso com uma formação cidadã crítica e reflexiva. O documento apresenta a escola como um espaço de construção do conhecimento, com papel socioeducativo, político, cultural e ambiental, e busca articular a gestão curricular e institucional a partir de uma proposta que promova o desenvolvimento integral dos estudantes.

Porém, apesar de seu conteúdo estar em sintonia com os princípios da BNCC e CRUA, as observações realizadas durante o PIBID revelam uma lacuna entre o projeto e a prática. Notamos que as metodologias utilizadas especificamente nas aulas de história se baseiam em metodologias tradicionais, centradas na reprodução

do conteúdo e no uso exclusivo do livro didático, o que contradiz os princípios de protagonismo e criticidade apontados no PPP.

RELATO DAS AULAS ASSISTIDAS

De acordo com as análises dos documentos mencionados, é necessário dar visibilidade às aulas assistidas pela acadêmica por meio do Programa PIBID. Ficou evidente que a exposição das aulas do componente curricular de História, instruída pela docente da sala do 5º ano, não se aplica ao que foi mencionado na sequência. Ou seja, por meio da comparação entre a sequência didática e a aula assistida, observa-se que a professora não cumpriu seu planejamento referente à disciplina durante as aulas.

Citamos como exemplo o dia 02 de abril de 2025, no qual, conforme seu planejamento, constava que a aula seria sobre fontes históricas. No entanto, o conteúdo aplicado em sala nesse dia tratou sobre números romanos. Isso demonstra que a professora não cumpre seu planejamento e aplica outros assuntos diferentes. Por outro lado, a docente sempre utiliza o livro didático para leituras, atividades e quaisquer outros fins voltados para o ensino de História. Levando em consideração a didática da docente, levanta-se a questão da metodologia que ela utiliza em relação à leitura.

É possível afirmar que não se observam perguntas indagadoras, interpretações ou discussões a partir dos textos aplicados em sala. Nesse sentido, o que observamos nas aulas assistidas e na didática utilizada pela professora deixa evidente que ela “foge”³ do que deve ser aplicado em sala durante as disciplinas. Indo em contradição ao que prever a BNCC e CRUA, ou seja, ao invés de desenvolver no educando uma aprendizagem crítica e contextualizada. Com base nisso, o CRUA defende que o aluno deve compreender a noção de tempo e espaço em que está inserido conforme aponta o trecho do documento: “Ao estudar História, o estudante deve reconhecer-se como sujeito histórico, compreendendo o tempo em que vive e sua inserção no mundo, de forma crítica, ética e democrática” (Acre, 2019, p. 352).

³ O termo “foge” é utilizado aqui para indicar que a docente se desvia das orientações e conteúdos previstos em seu planejamento curricular, não seguindo as diretrizes esperadas para o ensino da disciplina.

Além disso, a metodologia utilizada pela docente é insuficiente no desenvolvimento das competências históricas essenciais previstas na BNCC (2018) na capacidade de

Compreender e problematizar os conceitos e procedimentos norteadores da produção historiográfica, analisando as relações de poder e os processos de transformação e manutenção das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais ao longo do tempo (BNCC, 2018, p. 135).

Percebe-se, portanto, que a prática observada não condiz com essa ênfase; pelo contrário, as metodologias se baseiam somente ao que está no livro didático.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise realizada, conseguimos identificar e perceber uma desconexão entre a prática docente observada e os documentos oficiais, como a BNCC e o CRUA. Além disso, a presença de uma metodologia tradicional, centrada no livro didático e na exposição oral, limita o desenvolvimento das competências que devem ser trabalhadas nos alunos, como o pensamento crítico e a autonomia. Nesse sentido, faz-se necessária uma reflexão sobre o ensino de História nos anos iniciais, sendo importante o investimento em práticas pedagógicas mais dialógicas, investigativas e contextualizadas.

Propõe-se, portanto, a utilização de metodologias ativas que não se limitem apenas ao uso do livro didático e à transmissão do conteúdo, mas que contribuam com saberes trazidos pelos alunos, vivências locais, criticidade e protagonismo. Dessa forma, o professor deixa de ser o centro do saber e passa a ser mediador ao permitir que os alunos construam seu próprio conhecimento com base em sua realidade e experiências.

Resta, então, a reflexão: como iremos formar sujeitos históricos se não lhes são dadas as oportunidades de pensar historicamente sobre si mesmos, seu território e o mundo em que vivem?

5 AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por meio do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID).



REFERÊNCIAS

ACRE. Secretaria de Estado de Educação. Departamento de Ensino. **Currículo de Referência Único do Acre**. Rio Branco, 2019.

BITTENCOURT, Circe. **Ensino de História: Fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. MEC. Brasília - DF, 2018a. Disponível em:
http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 11 abr. 2025.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática de ensino de História: experiências, reflexões e aprendizados**. 8. ed. Campinas: Papyrus, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

MINAYO, M. C. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.